

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

Friendships and enmities in the formation of Afro-Brazilian studies

Amurabi Oliveira¹

Resumo: A partir das décadas de 1930 e 1940 começam a se delinear no Brasil os chamados estudos afro-brasileiros no campo acadêmico, o que é impulsionado por fatores como: ampliação do mercado editorial; a formação dos primeiros cursos de ciências sociais, a vinda de pesquisadores estrangeiros, bem como a ida de pesquisadores brasileiros para outros países, especialmente os Estados Unidos. Considerando tais elementos, buscarei analisar como os estudos afro-brasileiros passam a se formar a partir das diversas redes acadêmicas e de amizade entre intelectuais brasileiros e americanos, destacando do lado brasileiro as figuras de Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Edison Carneiro, e entre os americanos Rüdiger Bilden, Donald Pierson, Ruth Landes e Melville Herskovits, mapeando estas redes e como estes círculos sociais vão se ampliando e se cruzando.

Palavras chaves: Estudos afro-brasileiros; Campo acadêmico; História das Ciências Sociais; Pensamento Social Brasileiro.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do CNPq. E-mail: amurabi_cs@hotmail.com

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

Abstract: From the 1930s and 1940s the so-called Afro-Brazilian studies in the academic field began to be drawn in Brazil, which is driven by factors such as: expansion of the publishing market; the formation of the first courses in social sciences; the arrival of foreign researchers, as well as the departure of Brazilian researchers to other countries, especially the United States. Considering these elements, I will try to analyze how the Afro-Brazilian studies begin to form from the different academic networks and friendship between Brazilian and American intellectuals, highlighting from the Brazilian side the figures of Gilberto Freyre, Arthur Ramos and Edison Carneiro, and among the American Rüdiger Bilden, Donald Pierson, Ruth Landes and Melville Herskovits, mapping these networks and how these social circles are expanding and intersecting.

Key words: Afro-Brazilian studies; Academic field; History of Social Sciences; Brazilian Social Thought.

Introdução

Os chamados “estudos afro-brasileiros” constituem um campo muito consolidado hoje, que se desenvolveu de forma bastante interdisciplinar, dialogando sobretudo com as ciências humanas e sociais. Ainda que não se possa indicar tão claramente o marco fundador das pesquisas nesta seara, é inegável que a obra de Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) teve um peso significativo no processo de constituição e delimitação deste campo, com destaque para a publicação de *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos* (1900) e *Os Africanos no Brasil* (1932), esta última ainda que seja uma publicação póstuma foi escrita entre 1890 e 1905.

Todavia, é ao longo do século XX que os estudos afro-brasileiros de fato vão se consolidar, o que conflui com uma série

de fatores, tais como: a) ampliação do mercado editorial; b) criação dos primeiros cursos de ciências sociais nos anos de 1930. Somam-se a isso as mudanças no debate político e ideológico das elites brasileiras com relação à concepção de nação, valorizando o elemento africano no processo de constituição do país (CARVALHO, 1977), com todas as implicações políticas e ideológicas que isso teve naquele momento.

O aspecto que pretendo explorar nesse artigo não se restringe às questões acadêmicas implicadas nesse processo, volto-me principalmente para a circulação de pesquisadores e a criação de redes entre americanos e brasileiros, o que possibilitou a ampliação e cruzamento de círculos sociais, nos termos postos por Simmel (2009). Não nego com isso a relevância que teve a produção de outras rotas de circulação de pesquisadores, como aquela desenvolvida entre o Brasil e a França, na qual a Universidade de São Paulo fora um de seus centros, com a existência da famosa “missão francesa” que trouxe, dentre outros nomes, Roger Bastide (1898-1974), um dos autores mais relevantes nos estudos afro-brasileiros², que também dialogou com o grupo de pesquisadores aqui analisados.

Reconhece-se, portanto, a existência de um grande número de agentes implicados neste processo, mas que não necessariamente atuaram de forma concomitante e convergente,

2 Esta “missão” inciou-se ainda em que em 1934, quando chegaram Émile Coornaert (história), Pierre Deffontaines (geografia), Robert Garric (literatura francesa), Paul-Arbousse Bastide (sociologia), Étienne Borne (filosofia e psicologia) e Michel Berveiller (literatura greco-latina) – somente Berveiller e Arbousse-Bastide renovam os seus contratos com a universidade no ano seguinte. Em 1935 chegaram Fernand Braudel (história), Pierre Hourcade (literatura francesa), Pierre Monbeig (geografia), Claude Lévi-Strauss (segunda cadeira de sociologia) e Jean Maugüé (filosofia). Monbeig e Maugüé permanecem no país até 1944 e 1947, respectivamente. A partir de 1938 chegou um novo grupo de docentes composto pelos seguintes nomes: Jean Gagé (no lugar de Braudel), Alfred Bonzon (literatura francesa), Paul Hugon (economia) e Roger Bastide (substituto de Lévi-Strauss),

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

uma vez que possuíam seus interesses próprios no incipiente campo acadêmico brasileiro e nas pesquisas com populações negras no Brasil. Meu objetivo neste artigo é dar relevo a como que o campo de estudos afro-brasileiros vai se formando a partir das relações acadêmicas e de amizade entre pesquisadores brasileiros e americanos, destacando-se neste contexto os brasileiros Gilberto Freyre (1900-1987), Arthur Ramos (1903-1949) e Edison Carneiro (1912-1972), e os americanos Rüdiger Bilden³ (1893-1980), Melville Herskovits (1895-1963), Donald Pierson (1900-1995) e Ruth Landes (1908-1991); e mapeando como que estas redes foram se constituindo ao longo do tempo, estabelecendo relações de amizades e inimizades, a partir do cruzamento dos círculos sociais.

Os amigos da Universidade Colúmbia

Tomo como marco inicial para pensar essa rede de relações aqui analisada a ida de Freyre para os Estados Unidos. Em suas memórias ele atribui a seu pai, Alfredo Freyre (1875-1961), parte de sua “anglofilia”, pouco comum para as elites culturais do Recife daquele período. Ainda segundo Freyre, referindo-se a seu pai, foram as leituras de William James que “Levou-o a uma espécie de anglo-saxonização de que tornou-se moderno em sua cultura.” (FREYRE, 2010, p. 88), tendo introduzido-o neste universo de leituras anglófonas.

Freyre estudou no Colégio Americano Bastita em Recife, o que facilitou sua ida para a Universidade de Baylor, na cidade de Waco no Texas, que já tinha certa tradição em receber egressos desta instituição. Apesar da viagem de estudos para a Europa ser mais comum entre as elites do período, é importante salientar

3 Trata-se de um pesquisador de origem alemã, porém radicado nos Estados Unidos. Considerá-lo-ei no grupo dos pesquisadores americanos devido ao fato de que seus vínculos acadêmicos e profissionais terem se constituído quase que exclusivamente entre universidades americanas.

que isso se deu em 1918, período da primeira guerra mundial, de modo que a ida para os Estados Unidos seria mais viável, ademais, somam-se a isso o fato de que seu irmão mais velho, Ulysses Freyre (1898-1962), já havia ido realizar estudos neste país, e os créditos do Colégio Americano preenchiam seus créditos para a admissão (PALLARES-BURKE, 2005).⁴

Mas, certamente é a ida para Nova Iorque, onde realizou os estudos de mestrado em História Social na Universidade de Colúmbia que Freyre se encontrou academicamente. Nas cartas que escreveu para Manuel de Oliveira Lima (1867-1928) neste período destacava o ambiente intelectual e cultural da cidade, não apenas da universidade, e de como procurava aproveitar este espaço⁵. Em seu “diário íntimo”⁶ *Tempo Morto e outros Tempos* (2006), ele destaca ainda algumas figuras marcantes em sua formação na Universidade de Colúmbia, como as de Franz Boas (1858-1942) e Franklin Henry Giddings (1855-1931), que foram seus professores nesta instituição.

Interessante perceber que apesar de seu mestrado ter sido em História Social, orientado Carlton Hayes (1882-1964), Freyre realizou cursos em outros departamentos, incluindo dois no de Sociologia e dois no de Antropologia⁷. Mais que isso, inegavelmente com o passar o tempo ele passou a se identificar cada vez como sociólogo e antropólogo, ainda que dentro de

4 É neste período que passa a colaborar com o *Diário de Pernambuco* através de uma série de cartas intitulada “Da outra América”.

5 A troca de correspondência entre Freyre e Oliveira Lima estendem-se de 1917 a 1928, demarcando um intenso diálogo intelectual entre os dois. Posteriormente Freyre publicou o livro *Oliveira Lima, Don Quixote Gordo* (1970).

6 Apesar de ter sido publicado como um “diário íntimo” é relativamente consensual entre os pesquisadores que este trabalho sofreu várias modificações realizadas a posteriori, de modo que nem todos os fatos são estritamente fidedignos aos acontecimentos ocorridos naquele período.

7 Realizou ainda seis cursos em História, dois em Lei Pública, um em Inglês e um em Belas-Artes, segundo documentação consultada na Fundação Gilberto Freyre.

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

uma definição sempre ambivalente (FREYRE, 1968). Motta e Fernandes (2013) levantam como hipótese de que Freyre, ao menos desde a publicação de *Casa-grande & Senzala*, teria optado por destacar o legado de Boas em detrimento de seu relacionamento com Hayes, este movimento de filiação intelectual possibilitaria a Freyre se destacar academicamente ao se aproximar da Sociologia e da Antropologia, que eram ciências novas e que possuíam poucos catedráticos no Brasil.

Porém, a Universidade de Colúmbia não foi apenas um espaço de formação intelectual, ali também foram criadas redes, vínculos de amizade, algumas que se perduraram no tempo. Dentre as amizades que Freyre fez neste período destacaria a figura de Rüdiger Bilden, cuja importância para seu trabalho pode ser indicada pelas inúmeras citações ao longo de *Casa-Grande & Senzala* (1933 [2005]). Em uma das passagens deste livro Freyre indica que:

E Ruediger Bilden escreve, com admirável senso crítico, que no Brasil a colonização particular, muito mais que a ação oficial, promoveu a mistura de raças, a agricultura latifundiária e a escravidão, tornando possível, sobre tais alicerces, a fundação e o desenvolvimento de grande e estável colônia agrícola nos trópicos. (Ibidem, p. 80).

Em grande medida essas ideias, esboçadas no trabalho de Bilden *Brasil, laboratório de civilização* (1929), demarcam alguns dos alicerces fundamentais do trabalho que Freyre desenvolveu, a ideia da formação social brasileira baseada no latifúndio, na escravidão em uma sociedade miscigenada. O fato é que Bilden também desenvolveu pesquisas no Brasil, ainda no final de 1925 ele partiu em sua primeira viagem para a América do Sul, o que seria fundamental para a pesquisa que pretendia desenvolver sobre a escravidão no Brasil.

Bilden aparentemente tinha mais trânsito com Boas que Freyre, quando veio para o Brasil possuía cartas de apresentação do renomado antropólogo da Universidade de Colúmbia, assim como de Oliveira Lima, a quem fora devidamente apresentado por Freyre. Ele era percebido como um jovem sério e talentoso, cujo trabalho traria contribuições significativas para seu campo de estudos, ainda que ao fim não tenha completado plenamente seu projeto (PALLARES-BURKE, 2012).

O que me interessa destacar aqui, é que a partir da convivência na Universidade de Colúmbia criou-se um determinado círculo social, o qual foi sendo ampliado gradativamente e cruzando com outros, como é característico das sociedades modernas (SIMMEL, 2009). Outro importante antropólogo que gravitava em torno deste ambiente intelectual fora Melville Herskovits, que teve Boas como orientador de sua tese de doutorado, tendo sido apresentado aos pesquisadores brasileiros através de Bilden (YELVINGTON, 2007), porém não foi contemporâneo de Freyre nos seus tempos de Colúmbia.

Quando na ocasião do I Congresso Afro-Brasileiro, ocorrido em Recife em 1934 e organizado por Freyre, ele foi convidado para participar, e na impossibilidade de realizar a viagem enviou dois trabalhos para serem lidos. Isso demonstra a relevância das trocas e contatos que se estabeleceram entre estes pesquisadores, mais que isso, como que as relações de amizade tiveram consequências sobre o campo acadêmico, uma vez que é por meio das amizades que Freyre teceu em seus anos de Colúmbia que ele conheceu Herskovits.

De Nashville para a Bahia

Outro local relevante para a compreendermos a ampliação e cruzamento dos círculos sociais é a Universidade de Fisk, localizada em Nashville, capital do Tennessee. Esta instituição era uma reconhecida “universidade negra”, na qual

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

vários pesquisadores que se voltavam para este tema atuaram em algum momento, seja por afinidade em termos de agenda de pesquisa, ou intelectuais.

A convite de Charles S. Johnson (1893-1956), Bilden – que de fato teve bastante dificuldades para obter uma posição fixa em alguma universidade – obteve um posto temporário na Universidade de Fisk, na qual ministrou, entre setembro de 1937 e junho de 1939, um curso sobre a sociedade escravocrata e mistura racial no Brasil, comparando-a com a situação da América do Norte (PALLARES-BURKE, 2012).

Para além do promissor ambiente intelectual, havia uma confluência de felizes coincidências no período em que Bilden esteve vinculado a esta instituição, pois, Donald Pierson havia acabado de regressar do Brasil, onde havia conduzido uma pesquisa sobre os negros na Bahia. Pierson havia atuado como assistente de Robert Park (1864-1944) em 1935 na Universidade de Fisk, o que era compreendido como parte de sua preparação para a pesquisa que faria no Brasil. Lecionou cursos sobre o Brasil baseando-se em suas leituras, e realizou pesquisas sobre o Sul rural nos Estados Unidos (PIERSON, 1987). Interessante perceber que Park integrou a Universidade de Fisk também a convite de Johnson, que havia acabado de fundar o Departamento de Ciências Sociais nesta universidade, e também tinha sido orientado por Park em seu doutorado (MAIO, 2017).

Entre 1935 e 1937 Pierson realizou pesquisas no Brasil, tendo tido contato com diferentes pesquisadores brasileiros, como Freyre, Francisco José de Oliveira Viana (1883-1951) e Arthur Ramos. Com Freyre seu contato estendeu-se ainda às aulas que este ministrou na Universidade do Distrito Federal na década de 1930, no recém-criado curso de ciências sociais, tendo frequentado as aulas de antropologia que Freyre ministrou⁸

8 Para uma melhor análise da atuação de Freyre na UDF vide Meucci (2015) e Oliveira (2017).

(SILVA, 2012). A proximidade entre os dois pode ser explicada, em parte, pelo compartilhamento de alguns círculos sociais em comum, bem como de certas perspectivas teóricas, disseminadas a partir da Universidade de Colúmbia principalmente, nas quais o componente cultural se sobrepunha ao biológico na explicação dos fenômenos sociais.

Os vínculos de amizade entre acadêmicos possuem também normas próprias, de modo que há trocas que são relevantes nestes casos. Logo após a publicação da tese de Pierson, intitulada *Negroes in Brazil, a Study of Race Contact at Bahia* (1939)⁹ Freyre realiza uma resenha elogiosa deste trabalho no jornal *Diários Associados*¹⁰. De forma recíproca, Pierson em 1947, um ano após a publicação em inglês de *Casa-Grande & Senzala*, intitulada *The Masters and the Slaves*, realizou uma resenha do livro na prestigiosa *American Sociological Review*, indicando que esta obra seria um divisor de águas na história intelectual do Brasil.¹¹ Entretanto, é importante compreender bem a complexidade das relações que vão sendo estabelecidas aí, como nos aponta Silva (2012, p. 120):

Ao analisarmos as condições de realização de sua pesquisa de campo, e a rede de relações estabelecidas por ele no Brasil nessa sua primeira viagem, é possível afirmar que, se

9 A tese foi defendida em 1939, publicada nos Estados Unidos em 1942 e no Brasil em 1945 com o título *Branços e pretos na Bahia: estudo de contacto racial*.

10 No Brasil o livro foi publicado na coleção Brasileira, considerada um dos mais importantes espaços de legitimação acadêmica naquele período (PONTES, 1995).

11 Interessante notar também as assimetrias presentes entre o campo acadêmico americano e o brasileiro, existindo periódicos especializados consolidados já naquele momento. No caso do Brasil, ainda que as primeiras revistas especializadas surjam entre o final dos anos de 1930 e começo de 1940, os jornais e “revistas de cultura” ainda tinha uma importância significativa no campo da divulgação e circulação de ideias.

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

no plano conceitual, Pierson estava bem afinado com Freyre, no plano político, sua maior referência foi Arthur Ramos – que como já mencionei, provavelmente foi uma figura chave para a primeira vinda de Park ao Brasil.

Portanto, os movimentos de aproximação e distanciamento entre os agentes neste campo deve ser compreendido também a partir dos diversos capitais que eles disponibilizavam naquele momento. Freyre, em que pese todo seu prestígio como intelectual, nunca fora afeito à cátedra, ao contrário de Arthur Ramos, que se tornou professor titular de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil, e fundou nos anos de 1940 a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia.

Voltando a Nashville, é interessante perceber que no período em que Bilden e Pierson estavam na Universidade de Fisk, outra pesquisadora também se dirigiu àquela instituição para que lhe servisse de preparação para uma pesquisa que viria a realizar no Brasil, a antropóloga Ruth Landes. Sua ida para esta instituição se deu a convite de Park, contando com o apoio de Boas e de Ruth Benedict (1887-1948), que foi sua orientadora de doutorado na Universidade de Colúmbia.

Percebe-se com isso claramente a criação de um trânsito de intelectuais entre a Universidade de Colúmbia e a Universidade de Fisk, num cruzamento entre círculos sociais que também abarcavam outros círculos que envolviam o Brasil. Para além da experiência como professora, Landes pôde se aproveitar da experiência anterior de Bilden e de Pierson com o Brasil, não apenas em termos de conhecimento acadêmico, como também em termos de capital social. Ainda em 1937 Bilden escreveu uma carta de apresentação de Landes a Ramos, indicando o seguinte:

Você ficará interessado em saber que a Dr. Ruth Landes, uma jovem antropóloga que já fez muitos trabalhos sobre o negro norte americano, está sendo enviada pelo final deste ano para o Brasil pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Colúmbia para fazer um trabalho concreto no campo do negro brasileiro. Desde o meu retorno do Brasil eu tenho sugerido ao professor Boas e professora Ruth Benedict, no momento chefes do Departamento, que investigadores treinados sejam enviados para o Brasil para estudar aspectos específicos da vasta e interessante situação do negro brasileiro. Isto ganhou frutos. No meu conselho, a Dra. Landes escolheu o negro da Bahia, como assunto de suas investigações. Ela virá primeiro ao Rio, ficará por algumas semanas, e depois seguirá para a Bahia, onde ela pretende ficar por um ano.

A Dra. Landes é uma antropóloga capaz e competente assim como uma jovem mulher boa e charmosa. Enquanto ela ainda não estiver familiarizada com a situação específica brasileira, ela não tem dúvidas que trabalhará com isso e fará convenientemente seu trabalho. (...) Para o fim eu peço particularmente para você, sabendo que você ficará imensamente interessado no esforço científico dela e ajudará com conselhos e apresentações. Eu ficaria muito grato, como ficaria o Departamento de Antropologia, se durante a permanência da Dra. Landes no Rio, você desse a ela toda a ajuda possível em conseguir para ela todos os requisitos para um trabalho com sucesso na Bahia, em particular apresentá-la a pessoas nesta cidade

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

que podem ser de ajuda para ela. Eu sei que é pedir muito, mas eu também sei que você entenderá o trabalho dela e seus objetivos. Eu devo dar a Dra. Landes suas cartas de partida de apresentação para um número de amigos brasileiros, especialmente você, Gilberto Freyre e Roquette Pinto. Eu acredito que seria muito desejável que você a apresentasse à Heloisa Alberto Torres, que como uma colega antropóloga e uma mulher pode ser de assistência especial para ela.¹²

Ramos se prontifica rapidamente a ajudá-la, o que é agradecido na carta seguinte de Bilden, e em primeiro de agosto de 1938 Ramos escreveu cartas de apresentação de Landes para Aydano do Couto Ferraz (1914-1985), Edgard dos Santos (1894-1962) e Edison Carneiro. Reforça-se aqui novamente que a produção de conhecimento científico não depende apenas de elementos próprios deste campo, há também elementos “extracientíficos” que são fundamentais (BOURDIEU, 2011). É graças aos vínculos de amizade de Bilden – muitas vezes esquecido quando nos referimos à formação dos estudos afro-brasileiros – que a vinda de Landes ao Brasil é viabilizada, pois, não podemos esquecer o papel central que Carneiro teve no desenvolvimento de sua pesquisa¹³.

Nota-se também outra confluência entre os pesquisadores aqui analisados, pois, majoritariamente eles realizaram trabalhos de campo na Bahia, que devido à forte presença negra era percebida como um ambiente ideal para

12 Carta transcrita a partir da original depositada no Arquivo Arthur Ramos, encontram-se disponível para consulta na Biblioteca Nacional.

13 Não se considera aqui que Bilden sozinho viabilizou a vinda de Landes ao Brasil, outros agentes são mobilizados para tanto, porém, é interessante perceber a centralidade deste na apresentação de Landes aos pesquisadores brasileiros, de modo a viabilizar sua viagem e seu trabalho de campo.

investigações acerca das relações raciais, compreendidas como bastante singulares no Brasil, especialmente quando comparadas com aquelas existentes nos Estados Unidos. Neste sentido, a Bahia passou a se constituir como uma importante “região etnográfica”, ou para mesmo um “laboratório” (VALLADARES, 2010).

Percebe-se também que o caráter “preparatório” que a Universidade de Fisk passou a assumir para pesquisadores que almejavam realizar pesquisas no Brasil pressupunha certa continuidade entre as duas realidades (o sul dos Estados Unidos e o Brasil), havendo uma ideia mais geral sobre a presença do “negro no novo mundo”.

Apesar desse intenso movimento na década de 1930, é principalmente a partir da década seguinte que o campo de estudos afro-brasileiros fica mais claramente delimitado, de modo que as tensões afloram de forma mais evidente. Neste cenário, não apenas as relações de amizade se tornam importantes para compreender a gênese deste campo, como também de inimizade, transparecendo assim as disputas que estavam em jogo, o que envolvia tanto os pesquisadores brasileiros quanto os americanos.

Amizades e inimizades nos estudos afro-brasileiros

Podemos apontar inúmeras convergências entre os intelectuais que já foram citados neste trabalho, porém, não é possível secundarizar a heterogeneidade e diferenças presentes entre eles, dadas as diversas interpretações e representações que eles produziram acerca da África e do candomblé (MOTTA, 2016). Um dos momentos em que isso ficou bastante evidente, pensando o caso dos brasileiros, foi no período do II Congresso Afro-Brasileiro, desta vez organizado por Edison Carneiro e Aydano Couto Ferraz em Salvador, contando também com a colaboração de Arthur Ramos. Em 1936, quando foi anunciada a

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

organização do evento na Bahia, Freyre concedeu uma entrevista ao “Diário de Pernambuco”, que foi reproduzida no jornal “O Estado da Bahia” no dia 13 de novembro de 1936, na qual ele teceu duras críticas aos organizadores do evento:

(...) Só há dois ou três dias soube, por uma carta do escritor Edison Carneiro que ia realizar-se um segundo Congresso Afro-Brasileiro na Bahia. Receio muito que vá ter todos os defeitos das coisas improvisadas. Deveria ser muito maior o prazo para os estudos, para as contribuições dos verdadeiros estudiosos. Os verdadeiros estudiosos trabalham devagar. A não ser que os organizadores do atual Congresso só estejam preocupados com o lado mais pitoresco e mais artístico do assunto: as “rodas” de capoeira e de samba, os toques de “candomblé”, etc. Este lado é interessantíssimo e na Bahia terá um colorido único. Mas o programa traçado no 1º Congresso foi um programa mais extenso e incluindo a parte árida, porém igualmente proveitosa, para os estudos sociais, de pesquisas e trabalhos científicos. Discordo, ainda, da orientação do 2º Congresso Afro-Brasileiro que vai se realizar na Bahia tocante às relações com o Governador do Estado. Estou informado pelo escritor Edison Carneiro que é, seja dito de passagem, um dos nossos africanologistas mais inteligentes, que se pleiteará uma subvenção do Governo do Estado para o 2º Congresso Afro-Brasileiro. Discordo radicalmente. Creio que esses Congressos de estudiosos deviam ser como foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife,

inteiramente independente dos Governos ou de qualquer organização política com interesses partidários ou fins imediatos. Essa independência foi um dos traços característicos do 1º Congresso – o do Recife, e para afirmá-lo, José Lins do Rego, Cícero Dias, Mário Lacerda de Melo, eu e alguns outros tivemos de propor resistência enérgica aos que pretenderam deformar aquela reunião de pesquisadores e de estudiosos, prestigiada pela colaboração de africanologistas como o professor Herskovits, num ajuntamento demagógico e de cor partidária.

Creio que os problemas do negro e do mulato no Brasil devem ser discutidos e apresentados com a maior franqueza, com honestidade e com desassombro, indicando-se os efeitos sociais e mesmo políticos da opressão da gente de cor que ainda se observam entre nós.

Creio que o fato do Congresso Afro-Brasileiro do Recife ter encarado o negro e o mestiço negro, não como um problema de patologia biológica, a exemplo do que fez o próprio Nina Rodrigues – que era um convencido da absoluta inferioridade do negro e mulato – mas como um problema principalmente de desajustamento social, representa uma conquista notável para os estudos sociais brasileiros e de profunda repercussão política. Mas não me parece que os congressos afro-brasileiros devam revelar para a apologia política ou demagógica da gente de cor. Seria sacrificar todo o seu interesse científico de esforço de pesquisa e

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

de colheita e interpretação honesta de material que ainda está sendo reunido.

Estou certo, entretanto, que os organizadores do 2º Congresso – na Bahia – saberão assegurar um ambiente de independência e de propriedade científica. (FREYRE, 1987: 127-128)

Em artigo publicado em 17 de janeiro de 1937 no jornal *Gazeta de Alagoas*, Arthur Ramos respondeu às críticas recebidas, chamando de levianas as afirmações realizadas por Freyre. Ademais, a crítica que também fora dirigida a Nina Rodrigues não passou despercebida, tendo Ramos indicado a relevância e pioneirismo das pesquisas do médico-antropólogo maranhense. É importante rememorar que Ramos considerava-se o herdeiro intelectual da “Escola Nina Rodrigues”, em que pese as descontinuidades teóricas existente entre ambos (CORRÊA, 2013). Porém, apesar das divergências que emergiram neste contexto, é importante apontar que:

Quando comparadas entre si as concepções que Gilberto Freyre e Artur Ramos tinham do que era a antropologia, vê-se que seus atritos resultaram menos de divergências concretas do que da busca pela legitimidade de instaurar essa disciplina no campo acadêmico brasileiro. Tanto um autor como o outro entendiam que a antropologia deveria ser uma ciência dedicada ao estudo do “homem total” erigida na época sob a perspectiva teórica do culturalismo norte-americano. Artur Ramos, por ter centrado seu esforço na constituição de uma etnografia da religiosidade do negro, diferiu neste sentido de Gilberto Freyre, que conduziu seus temas preferencialmente para fronteiras

mais amplas entre sociologia, antropologia e história. De qualquer forma, foi no contexto das influências exercidas por esses autores que os estudos afro-brasileiros tiveram outros desdobramentos entre as décadas de 40 e 60. (SILVA, 2002, p. 92-93)

Um dos elementos que de certo modo reforça essa hipótese é a presença dos trabalhos de Herskovits em ambos os congressos, o que indicava que as divergências teóricas não constituíam o principal ponto de embate entre Freyre e Ramos na estruturação destas atividades, contando em ambos os congressos com colaboradores em comum. Neste mesmo período, outras disputas se colocavam no campo interpretativo dos estudos afro-brasileiros, o que envolvia também os pesquisadores estrangeiros que aqui chegavam.

Entre 1941 e 1943 a cidade de Salvador, na Bahia, tornou-se o local de uma batalha entre dois diferentes entendimentos sobre a integração racial nos Estados Unidos e sobre o lugar da África nesse processo. Franklin Frazier, o mais conhecido sociólogo negro da época, que já havia então publicado *A família negra nos Estados Unidos* (Frazier, 1966), estava empenhado em uma discussão com o igualmente famoso antropólogo, branco e judeu, Melville Herskovits, sobre as "origens" da chamada "família negra". Para tornar as coisas ainda mais complicadas, ambos baseavam seus argumentos em trabalhos de campo realizados entre os mesmos informantes: o povo de santo do mesmo terreiro de candomblé em Salvador, o prestigiado e "tradicional" terreiro do

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

Gantois, de nação queto-iorubá. (SANSONE, 2012, p. 9-10)

Vale ressaltar que Herskovists possuía uma rede de relações diferente de Frazier e de Turner, com um contato mais intenso com as elites intelectuais, o que incluía Arthur Ramos, com quem vinha trocando correspondências (GUIMARÃES, 2004), além de José Valladares (1917-1959)¹⁴ e a diretora do Museu Nacional, Heloisa Alberto Torres (1895-1977). A viagem de Herskovits ao Brasil financiada por uma bolsa da Fundação Rockefeller durou um ano, entre setembro de 1941 e agosto de 1942, tendo permanecido metade deste tempo na Bahia, contou com a companhia da esposa France e da filha Jean (GERSHENHORN, 2004).

Interessante perceber que em sua famosa conferência *Pesquisas Etnológicas na Bahia* (1943), Herskovists realiza um complexo jogo de visibilização e invisibilização de determinadas pesquisas que vinham sendo realizadas no campo dos estudos afro-brasileiros, o que inclui tanto autores brasileiros quanto estrangeiros. É como se através de seu texto fosse realizado um esforço para demarcar as hierarquias acadêmicas, indicando as pesquisas legítimas neste campo. Neste sentido, é significativo o silêncio acerca da pesquisa realizada por Landes em período anterior, cujos resultados vinham sendo publicados em periódicos, e em posteriormente de forma mais completa através do livro *A cidade das mulheres*, publicado em inglês em 1947 e em português em 1967.

Landes permaneceu no Brasil entre janeiro de 1938 e junho de 1939, tendo produzido um trabalho cujos resultados

14 Valladares foi um dos principais contatos de Herskovists no Brasil, e também possuía uma formação americana tendo obtido em 1943 uma bolsa da Fundação Rockefeller, o que lhe possibilitou cursar História da Arte no Graduate Institute da Universidade de Nova York e estagiar no Brooklyn Museum.

foram de encontro a interpretação dos cânones daquela época, tanto americanos quanto brasileiros, ao afirmar a existência de um princípio feminino no candomblé, que se substanciaria no predomínio de mulheres e de homossexuais no comando dos terreiros. Apesar de contar com o apoio de nomes como Boas e Benedict, Landes foi continuamente boicotada por outros tantos pesquisadores do campo. O mesmo Bilden que havia escrito uma carta de apresentação para Ramos retifica sua opinião sobre ela, escrevendo em 10 de março de 1938 outra correspondência também endereçada a Ramos na qual ele expressou o seguinte:

Eu escrevi para você como fiz naquele tempo, seus avisos e do meu amigo Melville Herskovits, que, assim como os outros antropólogos, expressou uma opinião desfavorável dela. Eu entendo agora que Herskovits estava certo. Você está, claro, livre para tratá-la como achar melhor. E eu não quero colocar obstáculos no caminho dela. Mas eu não posso apoiá-la ou recomendá-la.

Alguns anos depois, quando começaram a ser publicados os resultados de suas pesquisas, a crítica de Ramos é ainda mais dura. Em *A aculturação negra no Brasil* (1942) ele dedica um capítulo às “pesquisas estrangeiras”, no qual faz críticas severas ao trabalho de Landes, centrando-se no fato de que suas pesquisas na Bahia, assim como as de Herskovits em África, não indicavam um predomínio das mulheres no comando dos cultos afro, que era, justamente, a espinha dorsal do trabalho de Landes. Quando seu livro é finalmente publicado em inglês Herskovits publicou uma resenha na revista *American Anthropologist*, na qual ele afirma que “(...) a tese básica está errada” (HERSKOVISTS, 1948. p. 124), de tal modo que seu trabalho sofreu ataques por parte daqueles que representavam os principais nomes nos Estados Unidos e no Brasil dos estudos

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

afro-americanos/brasileiros. A relação de amizade entre Ramos e Herskovits se desdobra, a este tempo, também em uma relação de inimizade com Landes.

Por outro lado, é inegável que Landes contou com o apoio de Carneiro, com quem supostamente também teve um envolvimento amoroso (ROSSI, 2015), o que é transparecido tanto pela tradução que Landes realizou do artigo de Carneiro para o inglês, intitulado “The structure of African cults in Bahia” (1940), publicado em *The Journal of American Folklore*, quanto da cuidadosa revisão que Carneiro realizou de *A cidade das mulheres*, inserindo várias notas explicativas que não constam na versão em inglês. Visando responder aos ataques impetrados a Landes de forma direta, Carneiro publicou uma enfática defesa do trabalho de sua amiga americana, indicando que Ramos realizou críticas infundadas, nas quais aponta questões que inexistem no trabalho da antropóloga, por mais que afirme que foi amigo de Ramos (que já havia morrido quando o texto foi publicado) e que era amigo de Landes (CARNEIRO, 1964).

O que almejo destacar expondo estes fatos, alguns deles de amplo conhecimento dos estudiosos do campo afro-brasileiro, é como que as relações de amizade e de inimizade constituem um elemento relevante para compreender as relações deste campo. Não são apenas os elementos ditos “científicos” que modelam o campo, que o delimita. Ao mesmo tempo, isso não significa que haja uma clara demarcação entre grupos e pessoas que constroem alianças estáveis e duradouras, as relações pessoais, via de regra, são bem mais ambivalentes neste sentido.

Em todo o caso, é importante considerar ainda que no campo científico o capital científico também é relevante, afinal, os agentes com maior capital são capazes de deformar as regras do campo (BOUDIEU, 2004). Sendo assim, alguém como Herskovits, com intensa inserção internacional, não está na mesma posição que Bilden, Landes ou Donald Pierson, tampouco na mesma que seus amigos brasileiros, ainda que

nunca tenha publicado um livro sobre o Brasil¹⁵. Por outro lado, Donald Pierson, ainda que não tenha tido o mesmo prestígio que Herskovits, realizou uma carreira acadêmica mais prolongada no Brasil, permanecendo como docente da Escola Livre de Sociologia e Política entre os anos de 1930 e 1950, fundando a *seção de estudos pós-graduados* desta instituição, possibilitando assim a produção de um quadro de cientistas sociais profissionais no sentido estrito, tendo sido atraídos para esta seção nomes que se tornaram relevantes para as ciências sociais brasileiras, tais como Oracy Nogueira (1917-1996), Florestan Fernandes (1920-1995) e Darcy Ribeiro (1922-1997).

No caso brasileiro também se percebem as assimetrias das relações de poder existentes, enquanto Ramos ocupou um papel de destaque na institucionalização da antropologia brasileira, sendo convidado nos anos de 1940 para estar a frente do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, Carneiro, por exemplo, nunca conseguiu ter uma inserção acadêmica no sentido estrito no Brasil. Quando Ramos faleceu em 1949 e foi aberta uma vaga na Universidade do Brasil Carneiro tentou se inscrever para o concurso, porém sua inscrição foi indeferida, assim como de Heloisa Alberto Torres¹⁶, tendo sido aprovada Marina de Vasconcellos (1912-1973), que fora assistente de Arthur Ramos. Freyre, por outro lado, apesar de todo o prestígio e reconhecimento desenvolveu uma carreira longe do espaço da cátedra, como já dito, sendo um de seus principais legados para a institucionalização das ciências sociais no Brasil a criação do

15 Segundo Gershenhorn (2004), que entrevistou a filha de Herskovits, um dos motivos para que isso nunca ocorresse era porque ele associava esta pesquisa ao ataque cardíaco que teve durante a viagem, não tendo tomado outra viagem mais longa para realização de trabalho de campo após o Brasil.

16 Tanto no caso de Carneiro quanto de Heloisa Alberto Torres suas inscrições não foram deferidas devido à ausência de diplomas universitários, ainda que tenha sido pedido o reconhecimento de “notório saber”, o que foi negado (BARROS, 2008).

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (atual Fundação Joaquim Nabuco) em 1949, que contou, inclusive, com um departamento próprio de antropologia bem antes da Universidade Federal de Pernambuco, o que aponta para sua relevância no desenvolvimento de pesquisas em ciências sociais.

Mais que isso, as ciências sociais no Brasil e nos Estados Unidos encontravam-se em graus substancialmente distintos de desenvolvimento naquele momento, o que não impossibilitava que se realizassem trocas acadêmicas. A relação que Ramos e Herskovits estabeleceram neste trânsito é emblemática para pensarmos tal questão, pois além do envio contínuo de trabalhos de um para o outro, Herskovits recebeu o título de professor honorário de antropologia da Faculdade de Filosofia da Bahia, ao passo que Ramos foi designado membro honorário da Associação de Pesquisa em Antropologia da Universidade de Northwestern, ambos no ano de 1941.

Esta assimetria entre os agentes fez com que eles tenham desenvolvido diferentes estratégias de aliança, o que reflete também, para além das afinidades pessoais, as confluências interpretativas com relação aos estudos afro-brasileiros. Outro fator que teve um impacto significativo sobre estas relações foi o chamado “Projeto UNESCO”, que também colocou estes pesquisadores em relação a outros círculos sociais, formados principalmente por intelectuais vinculados à Universidade de São Paulo¹⁷, chegando em alguns casos a interpretações substancialmente distintas no que diz respeito às relações raciais no Brasil (MOTTA, 2013), implicando na produção de outras disputas postas neste campo.

Considerações Finais

17 Devido ao foco e ao escopo deste trabalho não será analisado a questão do projeto UNESCO neste trabalho, para uma melhor análise vide MAIO (1997).

Este breve trabalho buscou demonstrar a relevância das relações de amizade (e inimizade) na formação de um determinado campo científico, no caso, dos estudos afro-brasileiros. Apesar de não se tratar de um exame exaustivo da literatura sobre o tema, almejou-se mapear como que estas relações foram se constituindo, como que estes agentes foram ampliando seus círculos sociais cruzando com outros círculos.

É bem verdade que como pudemos observar as relações entre estes acadêmicos eram profundamente assimétricas, tanto considerando a distância entre a realidade americana e brasileira, em termos de estrutura universitária, quanto entre os próprios agentes em seus contextos nacionais. Porém, havia também aspectos mais sutis e complexos, pois, em que pese que num primeiro momento pareça que o Brasil forneceu apenas material etnográfico, ao passo que os Estados Unidos ofereceu formação acadêmica para os brasileiros e a ida de pesquisadores renomados, é válido rememorar que o Brasil também enviou *scholars* para os Estados Unidos, foi o caso de Freyre nos anos de 1930 que atuou como professor no Departamento de História da Universidade de Standford e de Ramos que nos anos de 1940 atuou no Departamento de Sociologia da Universidade do Estado de Louisiana. Aliás, no caso de Ramos o convite veio de Thomas Lynn Smith (1903-1976), a quem fora apresentado por carta através de Pierson em 1939, reforçando mais uma vez a relevância das relações de amizade no desenvolvimento das atividades científicas.

Também gostaria de ressaltar que esse fluxo entre o Brasil e os Estados Unidos no campo dos estudos afro-brasileiros também perdurou nas gerações seguintes, dois casos emblemáticos são os de René Ribeiro (1914-1990), que realizou estudos de mestrado na Universidade de Northwestern sob a supervisão de Herskovits, e de Roberto Motta (1940-) que realizou estudos de doutorado na Universidade de Colúmbia

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

sob a orientação de Robert Murphy (1924-1990)¹⁸; ambos estiveram implicados na consolidação do campo dos estudos afro-brasileiros e fundaram o mestrado de antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, um dos primeiros do país, e o primeiro fora do eixo do centro-sul.

Outros aspectos que não puderam ser explorados neste trabalho merecem a atenção para estudos futuros, como o papel das agências de financiamento na vinda de professores estrangeiros para Brasil, seja para fazer pesquisas ou para atuar em instituições brasileiras, bem como na ida de brasileiros para os Estados Unidos, tanto para fins de formação acadêmica e obtenção de titulação em nível de pós-graduação, quanto para a atuação em instituições estrangeiras como professores visitantes.

Percebe-se desse modo a complexidade de questões, e tensões, que estão envolvidas na formação dos estudos afro-brasileiros, o que não se dá apenas a partir do campo científico, mas também dos círculos sociais e seus cruzamentos. Criar laços, realizar trocas, estabelecer alianças são elementos também fundamentais para a delimitação de um campo, para a ratificação ou questionamento de hierarquias acadêmicas, para a consagração ou para o ostracismo de um pesquisador.

Referências:

- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais de seu Tempo**. Maceió: EDUFAL, 2008.
- BILDEN, Rüdiger. Brazil, laboratory of civilization. **The Nation**, v. 128, n. 3315, p. 71-74, 1929.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Florianópolis: EDUFSC, 2011.

18 Como Motta releva em uma entrevista (OLIVEIRA, 2015), ele inicialmente iria ser orientado por Charles Wagley (1913-1991), mas este já estava com a aposentadoria marcada quando Motta chegou à Universidade de Colúmbia.

- _____. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CARNEIRO, Edison. **Ladinos e crioulos – estudos sobre o negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.
- _____. The Structure of African Cults in Bahia. **The Journal of American Folklore**, v. 53, n. 210, p. 271-278, 1940.
- CARVALHO, José Murilo. **Pontos e Bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1977.
- CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da Liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2005.
- _____. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.
- _____. **De menino a homem: de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos**. São Paulo: Global, 2010.
- _____. Entrevista ao Diário de Pernambuco. O Estado da Bahia. 13 nov. 1936. In:
OLIVEIRA, Waldir F.; LIMA, Vivaldo da C. (org.). **Cartas de Édison Carneiro a Arthur Ramos: de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938**. São Paulo: Corrupio, 1987. p. 128-129.
- _____. **Oliveira Lima, Don Quixote gordo**. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- GERSHENHORN, Jerry. **Melville J. Herskovits and the Racial Politics of Knowledge**. University of Nebraska Press: Lincoln and London, 2004.
- GUIMARÃES, Antônio Sergio. Comentários à Correspondência entre Melville Herskovits e Arthur Ramos (1935-1941). In: PEIXOTO, Fernando Arêas; PONTES, Heloisa; SCHWARCZ,

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

- Lilian Moritz (Orgs.) **Antropologias, Histórias, Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 169-197.
- HERSKOVITS, Melville. **Pesquisas Etnológicas na Bahia**. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1943.
- _____. Review of the City of Women. **American Anthropologist**, v. 50, n.1, p. 50-123, 1948
- LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.
- MAIO, Marcos Chor. **A história do Projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil**. Tese de Doutorado (Ciência Política). Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), 1997.
- _____. Entre Chicago e Salvador: Donald Pierson e o estudo das relações raciais. **Estudos Históricos**, v. 30, n. 60, p. 115-140, 2017.
- MEUCCI, Simone. **Artesania da sociologia no Brasil: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre**. Curitiba: Appris, 2015.
- MOTTA, Roberto. De Nina a Juana: Representações da África e do Candomblé. In: LIMA, Ivaldo Marciano de França; FERREIRA, Jackson André da Silva; DAMASCENO, José Jorge Andrade; SANTOS, Joceneide Cunha dos; SAMPAIO, Moiseis de Oliveira; VIEIRA FILHO, Rafael Rodrigues. (Orgs.). **África(s), índios e Negros**. Recife: Bagaço, 2016, p. 255-288.
- _____. O amigo e os inimigos: Gilberto, René, religião e relações raciais. In: _____; FERNANDES, Marcionilia (Ogs.) **Gilberto Freyre: região, tradição, trópico e outras aproximações**. Rio de Janeiro: Instituto Miguel de Cervantes. p. 146-171, 2013.
- MOTTA, Roberto; FERNANDES, Marcionilia. Gilberto Freyre, um enigma genealógico. In: _____; _____ (Ogs.) **Gilberto Freyre: região, tradição, trópico e outras aproximações**. Rio de Janeiro: Instituto Miguel de Cervantes. p. 11-36, 2013.
- OLIVEIRA, Amurabi. Gilberto Freyre, professor de Antropologia, in: CAMPOS, Roberta; PEREIRA, Fabiana; MATOS, Silvana (Eds.). **A nova escola de antropologia do**

Recife: ideias, personagens e instituições. Recife: EDUFPE, 2017.

_____. Entrevista com um “ph.d. nada típico”: Xangô, Weber, Gilberto Freyre e outros assuntos com Roberto Motta. **Latitude**, v. 8, n. 2, p. 427-440, 2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Gilberto Freyre – um vitoriano nos trópicos.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **O triunfo do fracasso: Rüdiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre.** São Paulo: Editora UNESP, 2012.

PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia. Estudo de contacto racial.** Brasileira. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Rio de Janeiro: Campanha Editora Nacional, 1945.

_____. Algumas atividades no Brasil em prol da Antropologia e outras ciências sociais. In: CORRÊA, Mariza (Org.). **História da Antropologia no Brasil (1930 - 1960). Testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson.** Campinas: Unicamp, p. 30-116, 1987.

_____. The Masters and the Slaves: a study in the development of Brazilian civilization. **American Sociological Review**, v. 12, no. 5, p. 607-609, 1947.

PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “coleções brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sergio (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil Vol.1,** São Paulo: Vértice, 1989, p. 359-409.

RAMOS, Arthur. **A aculturação negra no Brasil.** Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1942.

ROSSI, Gustavo. **O intelectual feiticeiro: Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

SANSONE, Lívio. Estados Unidos e Brasil no Gantois: o poder e a origem transnacional dos Estudos Afro-brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 9-29, 2012.

Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros

SILVA, Isabela O. P. **De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das Ciências Sociais**. Tese de Doutorado (Antropologia). São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo), 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves. Estudos afro-brasileiros. Construção e legitimação de um campo de saber acadêmico. **Revista USP**, n.55, p. 82-111, 2002.

SIMMEL, George. **Sociology: inquiries into the construction of social forms**. Boston: Brill, 2009.

VALLADARES, Licia do Prado. A visita de Robert Park ao Brasil, o "homem marginal" e a Bahia como laboratório. **Caderno CRH**, v. 23, n. 58, p. 35-49, 2010.

YELVINGTON, Kevin. Melville J. Herskovits e a institucionalização dos Estudos Afro-Americanos. In: PEREIRA, Cláudio L.; SANSONE, Lívio (Orgs.). **Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 149-171.